

SCOTT
H. YOUNG

PREFÁCIO DE JAMES CLEAR, AUTOR DE *HÁBITOS ATÔMICOS*

ULTRA-
-APREN
DIZADO

DOMINE HABILIDADES VALIOSAS,
SEJA MAIS ESPERTO QUE A COMPETIÇÃO
E DÊ UM IMPULSO NA SUA CARREIRA

**ULTRA-
-APREN
DIZADO**

SCOTT
H. YOUNG
**ULTRA-
-APREN
DIZADO**

~~~~~  
DOMINE HABILIDADES VALIOSAS,  
SEJA MAIS ESPERTO QUE A COMPETIÇÃO  
E DÊ UM IMPULSO NA SUA CARREIRA  
~~~~~

Tradução
Lucas Bandeira

 Harper
Collins
RIO DE JANEIRO, 2021

Copyright © 2019 por ScottHYoung.com Services Ltd

Foreword copyright © 2019 by James Clear.

All rights reserved.

Título original: Ultralearning

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Copidesque: *Marina Góes*

Revisão: *Marcela Isensee*

Capa: *Guilherme Peres*

Diagramação: *Abreu's System*

Produção de ebook: [S2 Books](http://S2Books.com)

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Y71u

Young, Scott

Ultra-aprendizado: domine habilidades valiosas, seja mais esperto que a competição e dê um impulso na sua carreira /
Scott Young; tradução Lucas Bandeira. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.
304 p.

Tradução de: Ultra-learning

ISBN 9786555110050

1. Método de estudo. 2. Aprendizagem. 3. Sucesso. I. Bandeira, Lucas. II. Título.

20-63284

CDD: 371.30281

CDU: 37.091.39

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

Para Zorica

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Apresentação de James Clear](#)

[Capítulo 1: É possível obter educação de qualidade padrão MIT sem ter frequentado o MIT?](#)

[Capítulo 2: Por que o ultra-aprendizado é importante?](#)

[Capítulo 3: Como se tornar um ultra-aprendiz](#)

[Capítulo 4: Princípio 1 — Meta-aprendizagem: faça um mapa primeiro](#)

[Capítulo 5: Princípio 2 — Foco: afie sua faca](#)

[Capítulo 6: Princípio 3 — Prática direta: siga sempre em frente](#)

[Capítulo 7: Princípio 4 — Repetição: ataque seu ponto fraco](#)

[Capítulo 8: Princípio 5 — Recuperação: teste para aprender](#)

[Capítulo 9: Princípio 6 — Retorno: não se esquive dos golpes](#)

[Capítulo 10: Princípio 7 — Retenção: não encha um balde furado](#)

[Capítulo 11: Princípio 8 — Intuição: cave fundo antes de começar a construir](#)

[Capítulo 12: Princípio 9 — Experimentação: saia da zona de conforto](#)

[Capítulo 13: Seu primeiro projeto de ultra-aprendizado](#)

[Capítulo 14: Uma educação não convencional](#)

[Agradecimentos](#)

[Apêndice](#)

[Notas](#)

APRESENTAÇÃO

Minha relação com Scott Young começou em meados de 2013. No dia 10 de julho daquele ano mandei para ele um e-mail perguntando se queria marcar um telefonema para o mês seguinte. Havíamos nos encontrado em uma conferência alguns dias antes, e eu esperava que Scott desejasse continuar a conversa.

“É possível”, respondeu ele. “Mas vou estar na Espanha, e a prioridade será em meu próximo projeto de aprendizado de idiomas.”

Não era a resposta que eu esperava, mas parecia razoável. Conseguir tempo para um telefonema durante uma viagem internacional pode ser complicado e eu compreendia que ele preferisse esperar até que retornasse. No entanto, logo descobri que ele não voltaria tão cedo, e não seria a mudança de fuso horário ou uma conexão de internet irregular que adiaria nossa conversa.

Não, seria difícil conversar com Scott porque ele estava planejando não falar inglês *por um ano inteiro*.

Foi assim que fiquei conhecendo Scott Young e seu comprometimento com o ultra-aprendizado. Pelos doze meses seguintes, trocávamos e-mails esporádicos enquanto ele viajava pela Espanha, Brasil, China e Coreia e se esforçava para se tornar fluente em cada uma das respectivas línguas ao longo do caminho. Ele manteve a palavra: foi só no verão seguinte, em 2014, que conseguimos tempo para conversar regularmente e começamos a nos falar de meses em meses.

Eu sempre ficava animado para os nossos telefonemas, por motivos egoístas no princípio. Um dos meus principais interesses como escritor é a ciência de como desenvolver bons hábitos e romper com os ruins. Alguém como Scott, que dominou tão claramente seus próprios hábitos, era exatamente o tipo de pessoa que poderia me ensinar uma ou duas coisinhas. E foi precisamente isso que aconteceu. É difícil me lembrar de alguma ocasião em que, ao desligar depois de algumas horas, eu não tenha aprendido algo com Scott.

Isso não significa que sua ideia inovadora tenha me pegado de surpresa. Scott já estava no meu radar quando nos encontramos naquela conferência em 2013. Em 2012, a internet o alçara à fama quando descobriu-se que ele havia aprendido todo o conteúdo da graduação em ciência da computação do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, o MIT, e que havia passado em todas as provas finais em menos de um ano — o equivalente a quatro anos de aulas em apenas doze meses. Eu tinha assistido à palestra dele no TEDx Talk resumindo sua experiência e havia lido alguns artigos sobre aprendizagem e autoaperfeiçoamento antes de abordá-lo na conferência.

A ideia de assumir um projeto ambicioso — como estudar todo o currículo da graduação do MIT em um ano ou aprender um novo idioma a cada três meses — é inspiradora para muitas pessoas. Eu certamente achava a ousadia desses projetos fascinante. Mas havia algo em Scott que ecoava em mim em um nível mais profundo: ele era propenso à ação.

Isso é algo que sempre gostei na abordagem dele e creio que você, que está lendo este livro, também vá gostar. Scott não está focado em simplesmente se encher de conhecimento: ele está comprometido em colocar esse conhecimento em prática. Abordar a aprendizagem com intensidade e estar comprometido com a ação é uma das marcas do processo desenvolvido por Scott. Essa abordagem é palatável para mim, em parte, porque vejo padrões semelhantes em minha própria vida e carreira. Algumas das experiências

mais significativas que já tive são fruto de aprendizado intenso e autocentrado.

Embora não conhecesse a palavra ultra-aprendizado na época, um dos meus primeiros projetos dessa categoria foi a fotografia. No fim de 2009, eu morei na Escócia por alguns meses. Era a primeira vez que eu vivia em outro país e, tendo em mente os belos cenários nas Terras Altas escocesas, imaginei que devia comprar uma boa câmera. O que eu não imaginava, no entanto, era que me apaixonaria pelo processo de fotografar. O que se seguiu foi um dos períodos mais criativos da minha vida.

Aprendi fotografia por meio de métodos variados. Estudei os portfólios de fotógrafos famosos. Pesquisei locações em busca de pontos de vista fascinantes. Mas, acima de tudo, aprendi graças a um método simples: tirei mais de cem mil fotos naquele primeiro ano. Nunca me matriculei em uma aula. Não li nada sobre como me tornar um fotógrafo melhor. Apenas me comprometi com um incansável processo de experimentação. Essa abordagem de “aprender fazendo” encarna um dos meus capítulos favoritos deste livro e o terceiro princípio do ultra-aprendizado: a prática direta.

Prática direta significa aprender alguma coisa ao fazer diretamente aquilo que se deseja aprender. Basicamente, é um aprimoramento por meio da prática ativa, e não por aprendizado passivo. As frases *aprender algo novo* e *praticar algo novo* soam parecidas, mas esses dois métodos podem produzir resultados profundamente diferentes. Aprendizado passivo gera conhecimento. Prática direta gera habilidade.

Scott refina e esclarece de modo mais elaborado esse argumento no Capítulo 6: a prática direta leva ao desenvolvimento de habilidades. Você pode pesquisar as melhores instruções para o exercício de supino, mas a única maneira de aumentar sua força é levantando o peso. Você pode ler todos os best-sellers sobre vendas, mas a única maneira de realmente atrair clientes é telefonar e tentar vender o produto. Aprender pode ser útil, é claro, mas absorver novas informações pode estar desconectado do processo

de refinar uma nova habilidade. Você pode ter toda informação sobre determinado nicho de mercado e ainda assim carecer de experiência no mundo real simplesmente porque você não praticou o ofício.

Scott compreende a dificuldade de aprender verdadeiramente uma nova habilidade. Meu respeito por ele advém não apenas da qualidade de sua escrita, mas também pelo simples fato de que ele pratica as próprias ideias. Nunca vou conseguir enfatizar o suficiente o quão importante isso é: Scott dá o sangue quando embarca em um projeto. Muitas ideias parecem brilhantes no papel, mas fracassam no mundo real. Como diz o ditado: “Na teoria, não há diferença entre teoria e prática. Mas na prática há.” [\[01\]](#)

Em minha empreitada fotográfica, não demorou para que meu comprometimento com a prática direta fosse recompensado. Alguns meses após comprar a câmera, viajei para a Noruega e me aventurei pelo Círculo Ártico para capturar uma imagem da aurora boreal. Pouco depois, fui finalista do prêmio Fotógrafo de Viagens do Ano graças àquela imagem da aurora polar. Foi um resultado surpreendente, mas também um testemunho de quanto progresso pode-se fazer em um período curto, mas intenso, de aprendizado.

Não segui a carreira de fotógrafo. Era apenas um projeto de ultra-aprendizado que levei a cabo por diversão, por satisfação pessoal. Alguns anos depois, no entanto, bem na época em que conheci Scott, comecei outro período de aprendizado intenso com um resultado mais utilitário em mente: queria empreender e imaginei que escrever seria um caminho para chegar lá.

Mais uma vez, escolhi um domínio em que tinha pouca experiência formal. Minha família não tem empreendedores, e frequentei apenas uma disciplina de inglês na faculdade. Mas, enquanto lia *Ultra-aprendizado*, fiquei fascinado ao descobrir que Scott explicava, quase passo a passo, o caminho que eu mesmo trilhei de empreendedor inexperiente a autor de um best-seller.

Princípio número 1: meta-aprendizagem. Comecei pesquisando por blogueiros e autores populares. Seus métodos me ajudaram a criar um mapa do que eu precisava fazer para me tornar um escritor de sucesso.

Princípio número 2: foco. Trabalhei em tempo integral como escritor quase desde o início. Exceto por alguns projetos que aceitei como freelancer para pagar as contas, quase todo o meu tempo foi gasto lendo e escrevendo.

Princípio número 3: prática direta. Aprendi a escrever *escrevendo*. Fiz um cronograma para compor um texto novo toda segunda e quinta. Ao final dos dois primeiros anos, tinha produzido mais de 150 artigos.

Princípio número 4: repetição. Analisei cada aspecto da composição de um artigo: o título, a frase introdutória, as transições, a narrativa e daí em diante. Então preenchi planilhas com exemplos de cada segmento. Depois comecei a testar e refinar minha habilidade em cada pequeno aspecto da tarefa maior.

Princípio número 5: *feedback*. Escrevi e-mails para quase todos os meus primeiros 10 mil assinantes para dizer “oi” e pedir uma avaliação daquilo que estavam lendo. Isso não teve sequência à medida que o número de assinantes aumentou, mas foi algo que me ensinou muito no início.

... e por aí vai.

O que quero dizer é que o método de Scott funciona. Seguindo as técnicas que ele traça neste livro, me tornei capaz de construir uma carreira como escritor, criar um negócio de sucesso e, por fim, escrever um livro que se tornou best-seller do *New York Times*. A publicação de *Hábitos atômicos* foi o ápice de anos de trabalho centrado no processo de ultra-aprendizado.

Eu sei que é fácil ouvir histórias sobre alguém que escreveu um livro de sucesso ou aprendeu quatro idiomas em um ano e pensar: “Isso não é para mim.” Mas eu discordo. Aprender algo valioso, e fazer isso rápido, não precisa ser exclusivo de um pequeno grupo de prodígios. É um comportamento que todos podem adotar. A maioria das pessoas não o faz porque nunca teve um manual que os ensinasse. Até agora.

Há boas razões para ir atrás do ultra-aprendizado, seja para conduzir um projeto pessoal ou profissional.

Primeiro, aprendizagem aprofundada nos dá um sentido de propósito. Desenvolver habilidades é significativo. Ser bom em algo traz uma sensação boa. O ultra-aprendizado é um caminho para provar a si mesmo que você é capaz de ser melhor e de extrair o melhor da vida. Ela proporciona a confiança de que você pode alcançar objetivos ambiciosos.

Segundo ponto: por meio dessa técnica é possível atingir resultados imensamente satisfatórios. A verdade nua e crua é que a maioria das pessoas nunca se aprofunda em sua área de interesse. Fazer isso, mesmo que apenas por alguns meses, vai ajudar você a se destacar. E, feito isso, você vai conseguir um emprego melhor, ser capaz de negociar um salário mais alto ou ter mais tempo livre. Vai se relacionar com pessoas mais interessantes e aprimorar sua vida pessoal e profissional. O ultra-aprendizado ajuda a desenvolver alavancas que podem ser usadas em outras áreas da sua vida.

Por fim, a aprendizagem profunda é possível. Paul Graham, o famoso empreendedor e investidor, certa vez comentou: “Em muitos campos, um ano de trabalho focado, somado a muito cuidado, é o bastante.” [\[02\]](#) De maneira análoga, acho que a maior parte das pessoas se surpreenderia com o quanto conseguiria realizar depois de um ano (ou alguns meses) de aprendizado focado. O processo de aprendizagem intensa e autocentrada pode modelar habilidades que você nunca imaginou ser capaz de desenvolver. É uma técnica que vai ajudá-lo a atingir seu potencial, e talvez esta seja a melhor de todas as razões para abraçá-la.

A verdade é que, apesar do sucesso do meu trabalho como escritor e fotógrafo, ambos os projetos foram feitos ao acaso. Mergulhei fundo neles, mas sem orientação e direcionamento. Cometi um monte de erros. Quem dera houvesse este livro quando comecei. Imagino quanto tempo e quanta energia eu teria poupado.

Ultra-aprendizado é uma leitura fascinante e inspiradora. Scott compilou uma mina de ouro de estratégias práticas para aprender qualquer coisa muito mais rápido. O esforço dele está em suas mãos agora. Espero que você goste deste livro tanto quanto eu e, mais importante, espero que use as ideias aqui contidas para alcançar algum objetivo ambicioso e empolgante. Com as histórias e estratégias que Scott compartilha aqui, você tem o conhecimento. Só falta agir.

James Clear

É possível obter educação de qualidade padrão MIT sem ter frequentado o MIT?

Faltavam só algumas horas. Eu me pegava olhando pela janela a luz da manhã refletindo nos prédios à minha frente. Era um dia claro de outono, surpreendentemente ensolarado para uma cidade notoriamente chuvosa. Homens bem-vestidos carregavam pastas e mulheres elegantes puxavam cachorrinhos minúsculos sob minha janela no décimo primeiro andar. Ônibus arrastavam passageiros relutantes para o centro pela última vez antes do final de semana. A cidade acordava do seu sono, mas eu estava desperto desde antes do nascer do sol.

Agora não é hora de sonhar acordado, eu me lembrei e voltei minha atenção para os problemas de matemática pela metade, rabiscados no caderno à minha frente. O problema começava assim: “Demonstre que $\iint_R \text{curl} F \cdot \mathbf{n} \, dS = 0$ para qualquer parte finita da n -esfera...” A matéria era Cálculo Multivariável do Instituto de Tecnologia de Massachusetts. A prova final começaria logo e eu tinha pouco tempo para me preparar. *O que é curl mesmo...?* Fechei meus olhos e tentei criar uma imagem mental do problema. *Existe uma esfera. Eu sei isso.* Imaginei uma bola vermelha brilhante no

olho da minha mente, flutuando no espaço. *E o que significa o ñ? Representa normal*, lembrei, querendo dizer com isso uma seta que aponta para cima, diretamente para a superfície. Minha bola vermelha ficou peluda, cada pelo era um vetor. *Mas e quanto a curl?* Minha imaginação foi tomada por pequenas ondas de setas pulsando num mar imenso. Curl, que significa ‘enrolar’ em inglês, formava os redemoinhos que giravam em pequenos laços. Pensei de novo na bola vermelha e peluda carregada de estática. Minha esfera não tinha espirais, então não devia haver nenhum curl, raciocinei. *Mas como eu poderia provar isso?* Rabisquei algumas equações. *Melhor checar de novo.* Minhas figuras mentais eram claras, mas a manipulação dos símbolos estava bastante desleixada. Eu não tinha muito tempo disponível e cada segundo de preparação contava. Precisava trabalhar pesado no maior número possível de problemas antes que o tempo acabasse.

Não era algo incomum para um aluno do MIT. Equações complicadas, conceitos abstratos e testes difíceis são aspectos normais de uma das formações mais prestigiosas em matemática e ciência no mundo. Mas eu não era aluno do MIT. Na verdade, eu nunca estivera em Massachusetts. Tudo isso estava acontecendo dentro do meu quarto, a dois mil e quinhentos quilômetros de distância, em Vancouver, no Canadá. E, embora o estudante típico do MIT aprenda cálculo multivariável em um semestre, eu havia começado apenas cinco dias antes.

O DESAFIO DO MIT

Eu nunca frequentei o MIT. Minha época de faculdade foi gasta estudando administração na Universidade de Manitoba, uma instituição canadense de avaliação mediana a qual eu tinha condições de pagar. Depois de obter um bacharel em comércio, senti que havia escolhido o curso errado. Como eu queria ser empreendedor, estudei administração imaginando que seria o melhor caminho para me tornar meu próprio patrão. Quatro anos depois, descobri que a graduação em administração era majoritariamente uma escola

preparatória para aspirantes ao mundo das grandes corporações, aquele de ternos cinza e operações padronizadas. Ciência da computação, por outro lado, era um curso em que realmente se aprendia a fazer coisas. Foram os programas, as páginas na internet, os algoritmos e a inteligência artificial que, lá no início, despertaram meu interesse em empreendedorismo, e eu estava lutando para decidir o que faria sobre isso.

Eu poderia voltar para a faculdade, pensei. Matricular-me novamente. Gastar mais quatro anos para obter outro diploma. Mas adquirir um financiamento estudantil, abandonar mais meia década da minha vida e repetir a burocracia e as regras de uma faculdade não me parecia muito atraente. Devia haver uma maneira melhor de aprender o que eu desejava.

Foi mais ou menos nessa época que deparei com uma disciplina do MIT que estava disponível online. Havia as aulas gravadas, as tarefas e os exercícios; estavam disponíveis até as provas aplicadas na turma regular, além das principais respostas. Decidi tentar. Para minha surpresa, achei a matéria muito melhor que a maior parte das aulas pelas quais paguei milhares de dólares na universidade. Eram apresentações bem trabalhadas, com um professor cativante e um material fascinante. Procurando melhor, descobri que aquela não era a única disciplina que o MIT oferecia de graça. Eles tinham disponibilizado materiais de centenas de disciplinas. Eu me perguntei se aquela era a solução do meu problema. Se era possível aprender o conteúdo de uma disciplina do MIT de graça, eu conseguiria aprender o conteúdo de todo um curso?

Foi assim que começaram quase seis meses de pesquisa intensa para um projeto que eu nomeei Desafio MIT. A primeira coisa que fiz foi procurar o currículo real da graduação em ciência da computação. Combinei e comparei a lista com os materiais que o MIT oferecia on-line. Infelizmente, é uma tarefa mais fácil de descrever do que de realizar. A OpenCourseWare, plataforma usada pelo MIT para enviar o material das disciplinas, não foi concebida como uma alternativa para a presença em sala de aula. Algumas

matérias simplesmente não eram oferecidas e precisavam ser substituídas. Outras tinham tão pouco material disponível que eu me perguntava se seria possível completar o conteúdo. Estruturas de computação, um dos cursos necessários, que ensinava como construir um computador do zero usando circuitos e transistores, não tinha nem aulas gravadas nem livro didático indicado. Para aprender o conteúdo da matéria, eu precisaria decifrar símbolos abstratos escritos em uma apresentação de PowerPoint preparada para acompanhar as aulas. A ausência de ferramentas e os critérios de avaliação ambíguos significavam que cursar toda disciplina exatamente como um aluno do MIT não era possível. No entanto, uma abordagem mais simples poderia funcionar: tentar passar nas provas finais.

Mais tarde expandi esse foco, incluindo projetos de programação para as disciplinas nas quais eram exigidos. Esses dois critérios formavam o esqueleto de uma graduação naquela universidade, cobrindo a maior parte do conhecimento e das habilidades que eu desejava adquirir, sem o supérfluo. Nenhuma política de presença obrigatória. Nenhuma data final de entrega de trabalhos. Eu poderia prestar as provas finais quando me sentisse pronto e fazer uma prova alternativa se me desse mal em alguma delas. De repente, o que parecia uma desvantagem — não ter acesso físico ao MIT — se mostrou o contrário. Eu poderia me aproximar da formação de um aluno real por uma fração do custo, do tempo e das restrições.

Para explorar mais profundamente essas possibilidades, cheguei a fazer uma disciplina de teste usando a nova abordagem. Em vez de comparecer a aulas pré-agendadas, assisti a vídeos das aulas a uma velocidade duas vezes maior que a normal. Em vez de fazer os trabalhos meticulosamente e esperar os resultados por semanas, eu podia testar a mim mesmo uma questão de cada vez, aprendendo rapidamente com meus erros. Usando esses e outros métodos, descobri que era possível aprender o básico de uma disciplina em até uma semana. Fiz algumas contas rápidas, incluí alguma margem de erro e

concluí que seria possível dar conta das 32 disciplinas restantes em menos de um ano.

Embora tudo isso tenha começado como uma busca pessoal, percebi que havia implicações maiores, que iam além do meu pequeno projeto. A tecnologia tornou o aprendizado mais simples do que nunca. Mesmo assim, as mensalidades são cada vez mais caras. Uma graduação de quatro anos costumava garantir um emprego decente, mas agora mal garante que você consiga um emprego na área. As melhores carreiras exigem habilidades sofisticadas que são improváveis de serem encontradas ao acaso. Não apenas programadores, mas gerentes, empreendedores, designers, médicos, praticamente todo profissional, precisa cada vez mais de um alto nível de conhecimento específico, e muita gente está lutando para acompanhar esse ritmo. No fundo, eu estava interessado não apenas em ciência da computação, mas em descobrir se havia uma nova maneira de dominar as habilidades necessárias no trabalho e na vida.

Voltei minha atenção para a cena que via pela janela, ainda pensando em como tudo aquilo havia começado. Refleti que eu não estaria ali, aventurando-me em meu pequeno e estranho experimento, se não fosse por um encontro fortuito com um irlandês intenso e abastado em outro continente quase três anos antes.

FLUENTE EM TRÊS MESES?

“Meu problema não são os franceses, só os parisienses”, confessou-me Benny Lewis em um restaurante italiano no coração de Paris. Lewis era vegetariano, um hábito que não é sempre fácil de adaptar em um país famoso pelo *steak tartare* e pelo *foie gras*. Enquanto comia um prato de *penne all’arrabbiata*, que se tornara um de seus favoritos quando trabalhava em um hostel descolado na Itália, Lewis falava em um francês fluente, sem se importar muito se algum dos locais ouvia suas reclamações. Seu descontentamento era fruto de um ano particularmente chato trabalhando

como *stagiaire* numa empresa de engenharia de Paris. Tinha sido difícil para ele se adaptar às notórias demandas de trabalho e à vida social da maior cidade da França. Ainda assim, refletiu, talvez não devesse ser tão crítico. Aquela experiência havia sido, afinal, o que o fez largar a vida de engenheiro e viajar pelo mundo aprendendo idiomas.

Eu fora apresentado a Lewis em um momento de frustração pessoal. Estava morando na França como parte de um programa de intercâmbio estudantil. Havia saído de casa com grandes esperanças de terminar o ano falando francês com facilidade, mas parecia que não seria esse o resultado. A maior parte dos meus amigos falava comigo em inglês, inclusive os franceses, e eu começava a sentir que um ano não seria suficiente.

Reclamei com um amigo de casa; ele me contou sobre um cara de quem ouvira falar, que viajava de país em país desafiando-se a aprender o idioma em três meses. “Besteira”, respondi, com mais do que uma ponta de inveja. Lá estava eu, batalhando para conversar com pessoas após meses de imersão e havia um sujeito se desafiando a conseguir fazer isso em apenas três meses. Apesar do meu ceticismo, eu sabia que precisava encontrar Lewis para ver se ele sabia alguma coisa sobre o aprendizado de línguas que eu desconhecia. Um e-mail e uma viagem de trem mais tarde, estávamos cara a cara.

“Tenha sempre um desafio”, disse-me Lewis, que continuou a expor seus conselhos sobre a vida enquanto me guiava para um *tour* pós-almoço pelo centro de Paris. O que Lewis costumava pensar sobre a cidade havia começado a abrandar e, enquanto caminhávamos da Notre-Dame ao Louvre, ele foi ficando nostálgico em relação a seus dias na cidade. Eu descobriria mais tarde que suas opiniões e suas paixões não apenas alimentavam seu desejo por desafios ambiciosos, como também podiam metê-lo em encrencas. Certa vez, fora detido pela Polícia Federal brasileira depois que uma oficial da imigração ouviu-o praguejar em português para amigos do lado de fora do prédio quando lhe negaram uma extensão do visto. A ironia:

o visto tinha sido negado porque a oficial não acreditou que seu português podia ser tão bom depois de uma estadia tão curta e suspeitou que ele estivesse tentando emigrar ilegalmente, contrariando os termos do seu visto de turista.

Continuamos a caminhar então pelos gramados em frente à Torre Eiffel, enquanto Lewis explicava sua abordagem. Comece a falar logo no primeiro dia. Não tenha medo de se comunicar com estranhos. Comece com um livro de frases e deixe o estudo formal para depois. Use mnemônicos visuais para memorizar o vocabulário. O que me espantou não foram os métodos, mas a audácia com que ele os aplicava. Enquanto eu tentava timidamente assimilar um pouco de francês, temendo dizer a coisa errada e me envergonhando de um vocabulário insuficiente, Lewis era destemido e partia para a conversação, propondo-se desafios aparentemente impossíveis.

Essa abordagem havia funcionado bem para ele. Já era fluente em espanhol, italiano, gaélico, francês, português, esperanto e inglês, e, depois três meses na República Checa, atingiu um nível conversacional. Mas o que mais me intrigou era o desafio que ele havia acabado de planejar: fluência em alemão em apenas três meses.

Tecnicamente falando, não era a primeira experiência de Lewis com esse idioma. Ele tivera aulas de alemão por cinco anos no ensino médio e visitara brevemente o país duas vezes. No entanto, como muitos alunos que passaram um tempo aprendendo algum idioma na escola, ainda não era capaz de falar. “Eu não conseguia sequer pedir café da manhã em alemão se quisesse”, admitia, constrangido. Ainda assim, o conhecimento não empregado adquirido naquelas aulas uma década antes provavelmente faria seu desafio ser mais fácil do que se estivesse começando do zero. Para compensar a dificuldade reduzida, Lewis decidiu aumentar as apostas.

Ele costumava se desafiar a atingir em três meses o equivalente ao nível B2 numa língua. O nível B2 — o quarto dos seis níveis compostos por A1, A2, B1, e daí em diante — é descrito pelo Quadro Europeu Comum de

Referência para Línguas (QECR) como intermediário avançado, permitindo ao falante “comunicar-se com certo grau de fluência e espontaneidade com falantes nativos, sem que haja tensão por ambas as partes”. No entanto, em seu desafio alemão, Lewis decidiu tentar o nível mais alto do exame: C2, que significa completo domínio do idioma. Para alcançar o nível C2, o aprendiz deve “compreender, sem esforço, praticamente tudo o que ouve ou lê” e “se exprimir espontaneamente, de modo fluente e com exatidão, sendo capaz de distinguir finas variações de significado mesmo nas situações mais complexas”. Para atingir esse ponto, o Goethe-Institut^[.03], que aplica os testes, recomenda ao menos 750 horas de instrução, sem contar a ampla prática fora da classe.

Alguns meses depois, Lewis voltou a me falar do projeto. Ele fracassou no exame para obter o C2 por um fio de cabelo. Passou em quatro dos cinco critérios, mas não conseguiu a parte de compreensão oral. “Passei muito tempo ouvindo rádio”, lamentou ele. “Devia ter praticado mais escuta ativa.” Ter fluência em três meses de prática intensa o iludiu, embora ele tenha chegado surpreendentemente perto. Nos sete anos desde que conheci o poliglota irlandês, ele repetiu esse desafio dos três meses em meia dúzia de países, acrescentando a seu repertório linguístico um pouco de árabe, húngaro, mandarim, tailandês, língua de sinais americana e mesmo klingon, a língua fictícia de *Star Trek*.

O que eu não entendi na época, mas entendo agora, era que os feitos de Lewis não eram tão raros. Apenas no campo das proezas linguísticas, encontrei hiperpolíglotas que falavam mais de quarenta idiomas, antropólogos-aventureiros capazes de começar a falar idiomas que desconheciam após algumas horas de exposição, e muitos outros viajantes que, como Lewis, pulam de visto de turista em visto de turista dominando novas linguagens. Também vi que esse fenômeno de autoeducação agressiva com resultados incríveis não se restringia a esse campo de aprendizado.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Ultra-aprendizado"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).